

O PAPEL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O INCENTIVO E A PERMANÊNCIA DO JOVEM À FRENTE DA AGRICULTURA FAMILIAR

Vânia Rocha Bacon¹;
Maurício Cesar Vitória Fagundes².

RESUMO

O artigo trata do papel da educação do campo para o incentivo e a permanência do jovem à frente da agricultura familiar, considerando os altos índices do êxodo da juventude camponesa nas últimas décadas e entendendo a educação como prática social e histórica, repensar a formação de jovens rurais é uma necessidade para todos que estão comprometidos com a construção de uma sociedade sustentável.

O rural não é mais apenas produtor agropecuário, passando a agregar valor a bens que até então não eram de consumo. Neste contexto, o meio rural transforma-se em um espaço cada vez mais heterogêneo e diversificado, a juventude é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, associada com a falta de perspectivas para que vivam da agricultura.

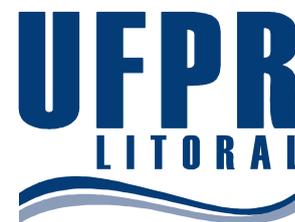
Ressalta-se ainda a importância das políticas públicas, como forma de manter os jovens em atividades rurais, salientando-se a necessidade de ação e políticas que visem à melhoria da qualidade de vida e o bem-estar social. Bem como as novas ruralidades evidenciam a dualidade em permanecer ou sair do meio rural, num conflito interno no dia a dia destes jovens, e a importância do incentivo ao jovem campesino para manter a agricultura familiar para garantia da segurança alimentar no Brasil e no mundo.

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Jacarezinho/PR, e-mail: vaniarochabacon@hotmail.com.

² Educador Orientador Maurício Cesar Vitória Fagundes, UFPR Litoral.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



Palavras-chave: motivação, políticas públicas, jovens, meio rural.

1 CONTEXTO

As diversas mudanças que ocorreram no cenário agrícola nos últimos anos têm alterado também a própria estrutura populacional de quem vive neste meio. As relações e as condições de trabalho inferem na composição familiar das pessoas que vivem no campo, onde os meios de trabalho e renda nem sempre são atrativos para determinadas classes etárias, outrossim, não são atrativas para pessoas de todas as idades, fazendo com que problemas como o êxodo rural, masculinização e o envelhecimento da população tornem-se situações cada vez mais freqüentes.

Fica lúcido que o apoio à agricultura familiar tem sido cada vez mais difundido, pois tem sido reconhecida a sua grande importância na busca de uma nação mais sustentável e ampla.

Portanto, ainda ocorre uma grande marginalização, que também existente no meio urbano, que faz com que os agricultores, principalmente os jovens, não acreditem em perspectivas de desenvolvimento neste meio, já que deparam-se com um grande litígio de empregos e de elementos que fascinam as pessoas mais jovens. Mas para muitos destes, o principal motivo que leva-os a abandonar o campo não é a vontade de viver na agitação das cidades, e sim pela impossibilidade destes alcançarem seu pleno desenvolvimento econômico através de atividades agrárias. Este trabalho mostra que há meios de incentivar o jovem a permanecer à frente da agricultura familiar através de projetos em parceria com o poder público, os agricultores e sindicatos/movimentos sociais, através da educação será possível a permanência dos jovens à frente da agricultura familiar.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Em 2009 fui classificada por edital específico e fui lecionar educação física na Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira, localizada na Fazenda Itapema, na cidade de Jacarezinho/PR, onde vivem aproximadamente trezentos e cinquenta famílias integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra(MST) acampadas em barracos de lonas aguardando os trâmites legais do INCRA para que sejam devidamente assentados.

O medo e a insegurança quase que me impediram de trabalhar neste acampamento, produto de muitas informações plantadas através da mídia e de anos de marginalização dos agricultores sem terra, mas, a necessidade e o desafio foram meus aliados nesta empreitada.

Ao primeiro momento, a visão que tive foi de pessoas fechadas, e mais fechada era eu, e a organização deles no convívio social, regras, disciplina e um ideal preservado como um diamante raro, a conquista da terra para o sustento familiar. A luta do MST não se mistura aos demais grupos que se intitulam sem terras, que invadem áreas produtivas, destroem e praticam terror, é um movimento social que há vinte e seis anos luta pela terra e por justiça social, e como essa luta é pela divisão, muitos latifundiários combatem esse movimento e utilizam do poder financeiro para inviabilizar o ideal desse povo.

A escola funciona em um espaço dentro do acampamento, em salas feitas de chapas de madeirite, em chão de terra batido, tudo muito simples, rústico, mas um povo muito sábio, honesto, desacreditados das leis, pois muitos que lá estão foram lesados por bancos estatais, pelo fato que colheitas foram perdidas por fenômenos da natureza e perderam suas terras, outros que não tiveram oportunidade na cidade e são oriundos do campo, enfim, brasileiros que se organizaram e através desta bandeira conseguem um pouco mais de respeito do poder público.

Além da comunidade, os professores são comprometidos com o ideal dessa comunidade e são parte desta escola, pois a maioria desses profissionais moram há

vinte quilômetros de distância da escola, sendo mais da metade do percurso feito em estrada de terra, em condições precárias, mas as dificuldades são superadas pelo zelo que a comunidade e alunos tem pela escola tão sonhada.

Ser um campesino era motivo de vergonha para muitos jovens, pois antes da chegada da escola do campo, os estudos eram realizados em escolas urbanas, e o choque de cultura, preconceito levavam a divisão social destes jovens, e isso acarretava no abandono dos estudos por parte dos campesinos, e um processo importante na formação deste cidadão era interrompido sem nenhuma intervenção da escola para evitar isso.

Com a implantação da escola do campo, que atende indígenas, índios, comunidades quilombolas e agricultores fixos e itinerantes, o campesino resgatou o direito da educação no meio em que vive, sem diferenças sociais, e a possibilidade de utilizar os estudos para aprimorar a agricultura familiar seria uma ferramenta para a permanência destes jovens no campo, evitando a migração para os centros urbanos e o crescimento desordenado das cidades.

São cada vez mais jovens que têm deixado o campo. Tratando-se da região Sul, durante os anos 70, quase metade (45,5%) da população rural que residia nesta região no início da década sai do campo e vem daí nada menos que 29% de todos os migrantes rurais do país. Nestes 10 anos, sua população rural tem uma redução de 2 milhões de habitantes. Os subsídios, os incentivos econômicos e o aparato institucional mobilizados para estimular a adoção de técnicas produtivas e culturas altamente poupadoras de mão-de-obra são certamente a razão principal de um êxodo tão rápido (ABRAMOVAY, 1998).

Com base nos dados fornecidos pela FAO (1995), há uma íntima ligação entre o caráter dos processos migratórios e a formação educacional. Foi observado que na grande maioria das famílias rurais latino-americanas, está presente o pensamento de que o estudo é mais indicado para as moças do que para rapazes. Por incrível que pareça, ainda existe a crença que o trabalho no campo e uma boa formação educacional não precisam andar juntos.

Dados mostram que no Brasil rural mais da metade dos rapazes têm menos de quatro anos de estudo. A precariedade da situação educacional das moças também é grave, mas menos que a dos rapazes: 42% das jovens rurais têm menos de quatro anos de estudo. Para que se tenha uma idéia da posição do Brasil na América Latina quanto a este aspecto, no Chile apenas 5% dos rapazes, e 4% das moças, estão nesta situação e mesmo no México as cifras são bem menos graves que no Brasil: 27% dos rapazes e 21% das moças (ABRAMOVAY, 2001).

Infelizmente o Brasil apresenta um sistema educacional muito homogêneo, que não abrange a realidade e os costumes dos jovens do campo. Onde os conhecimentos e metodologias de ensino aplicadas são mais direcionados para os jovens urbanos. O interessante é que a maioria das próprias escolas agrícolas estão localizadas nos perímetros urbanos, onde a realidade é diferente da qual os filhos de agricultores que ali vão estudar estão acostumados. Muitos destes acabam permanecendo nas cidades, arrumando empregos em outros setores que não ligados à agricultura, pois é nas cidades que eles encontram maiores opções de lazer e entretenimento. Muitas destas opções poderiam ser levadas também para o campo, garantindo desta maneira que o jovem rural ocupe seu tempo não só com variedade de trabalho, mas também com alternativas de diversão.

Nota-se que os jovens que pretendem permanecer no meio rural, são aqueles que de alguma forma darão continuidade nas atividades desenvolvidas pela família, os sucessores são na maioria dos casos, os que deverão cuidar dos pais ou sogros. Estes se encontram bem estruturados em termos de terra e capital, e a renda obtida mensal advém do leite e da aposentadoria.

Os jovens não estão vinculados a alguma organização/instituição pública. As principais formas de interação com a comunidade são realizadas por meio do contato direto com membros ligados à igreja. Com base nestes dados preliminares, realizou-se o estudo diretamente com alguns dos jovens destas comunidades.

A implantação de um novo modelo de educação é uma necessidade para todos que estão comprometidos com a construção de uma sociedade sustentável. A sobrevivência das unidades de produção familiar está relacionada também à fixação da juventude no campo, tendo em vista que os filhos seriam os responsáveis em dar continuidade às atividades agropecuárias da família. Isto nos leva a pensar sobre a relação da teoria e prática, ensino e trabalho e, ao mesmo tempo, buscar o significado que tem o trabalho na vida dos jovens camponeses.

Observa-se que os jovens e as jovens vêm ampliando sua visão de realidade e perspectivas através de um conhecimento teórico vinculado à prática rural e que, de certa forma, começam a questionar os limites da tradição no cultivo da terra. Esta reflexão desenvolve sua capacidade de avaliar desde questões relativas ao mercado para seus produtos até políticas agrícolas e as técnicas de cultivo desenvolvidas pelos pais. Nesse processo, os jovens e as jovens rurais refletem a interferência e importância do saber científico no seu cotidiano, evidenciando que seu conhecimento prático busca fundamento nas pesquisas mais atualizadas em relação ao trabalho no campo. Repensar, então, o espaço ocupado pelo trabalho no processo de elaboração do conhecimento é fundamental, tendo em vista que, ao produzir as condições materiais de sua existência, o ser humano produz também um conjunto de idéias e representações que expressam um saber e uma consciência de sua situação histórica. Neste sentido, a pesquisa agropecuária comprometida com a sustentabilidade dos espaços rurais pode tornar-se uma ponte entre o conhecimento operativo e o conhecimento científico, de forma que à experiência cotidiana das jovens e dos jovens rurais se agreguem as conquistas da ciência, viabilizando a construção de um novo espaço rural no qual a juventude possa desenvolver plenamente todo seu potencial. (CAMPOLIN,2005).

Investir no jovem camponês é garantir a segurança alimentar no futuro, esse assunto é de grande relevância entre os estudiosos do assunto. De acordo com Jacques Diouf, presidente da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a

Alimentação (FAO), há o risco de uma crise alimentar nos países em desenvolvimento semelhante à que ocorreu entre 2007 e 2008 devido ao aumento no preço da comida. Enumera entre motivos, o aumento no preço do petróleo, utilizado não apenas no transporte mas intensivamente na produção de fertilizantes.

Pela mesa do povo brasileiro, a nossa agricultura familiar responde por 60 % dos alimentos consumidos, sendo milho: 49 %, feijão: 67 %, mandioca: 84 %, leite: 52 %, suínos: 58 %, aves e ovos: 40 %. O Paraná tem aproximadamente 321 mil propriedades com esse perfil.

Responsável por 60% dos alimentos consumidos em todo o País, a agricultura familiar avança e pode ser medida por seus números. Presente em mais de 80% dos imóveis do campo do País, cerca de 4,1 milhões de propriedades, empregando cerca de sete em cada dez trabalhadores do campo e respondendo por cerca de 60% dos alimentos consumidos pelo brasileiro. Como referência a agricultura familiar em 2003 correspondeu 38% da produção agropecuária nacional, ou 10% do produto interno bruto (PIB), com uma participação de R\$ 156 bilhões, segundo a Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (FIPE).

A profissionalização da atividade do agricultor é a melhor forma de mudar a realidade no campo. Privilégios assistencialistas e legais prejudicam mais do que ajudamos agricultores familiares, porque criam dependência, é preciso educação para que o jovem permaneça no campo e a agricultura não envelheça, como está acontecendo. A agricultura familiar é capaz de resistir a qualquer dificuldade natural, menos as burocráticas e a falta de valorização.

Mais do que um problema pontual, desenha-se uma crise estrutural por uma razão simples: a oferta não cresce na mesma velocidade que a demanda. Países em desenvolvimento inserem milhões de bocas na cadeia de proteína animal, pessoas que não comiam passam a fazer mais de uma refeição por conta dos desenvolvimentos econômicos de seus países, por exemplo. Conforme relata a FAO, o aumento na produção de alimentos terá que ser da ordem de 70% para suprir uma

população de 9 bilhões de pessoas em 2050. Quem vai produzir essa comida extra? Segundo as Nações Unidas, os pequenos produtores e suas famílias, que representam cerca de 2,5 bilhões de pessoas ao redor do mundo, têm um papel fundamental, atuando com menos impacto trabalhista, social e ambiental e sustentando eles próprios que são os primeiros a passarem fome. Há muita gente querendo plantar no Brasil e em outros países, principalmente na África, onde a questão da fome tem contornos dramáticos. Só lhes falta terra, recursos, escoamento, capacitação, tecnologia.(SAKAMOTO, 2011)

Mas, para que a agricultura familiar seja administrada futuramente pelos atuais jovens, há necessidade da implantação de escolas do campo em mais localidades brasileiras, e a criação de programas de incentivo, como o PEJR – Programa de Empreendedorismo do Jovem Rural, criado em Santa Catarina e que já encontra-se no Sul e Nordeste brasileiro, sendo um programa de formação complementar a educação formal, direcionado a jovens agricultores familiares. Com uma prática formativa inovadora nos seus valores e no projeto pedagógico, estimulando a crítica, a reflexão, a criatividade, a ética e a cidadania. O PEJR prepara o jovem para exercer um papel estratégico de Agente de Desenvolvimento Rural.

Executando através de parcerias com instituições públicas e organizações sociais, o PEJR transforma jovens em empreendedores e líderes, com sensibilidade para identificar oportunidades para si e seus familiares, e também para os territórios em que estão inseridos. O eixo articulador da formação é o Empreendedorismo, que busca orientar uma estrutura temática focada na agricultura familiar, na juventude e no desenvolvimento rural sustentável e solidário. A partir do conhecimento e da realidade do jovem e de sua família. O PEJR estimula ações empreendedoras, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e renda dos agricultores familiares. O PEJR utiliza a Pedagogia da Alternância, na qual o jovem intercala uma semana no centro de formação e duas em suas casas e propriedades, colocando

em prática o que foi aprendido. São 15 seqüências num total de 01 ano de formação.

3 CONSIDERAÇÕES

O presente estudo assinalou a necessidade de novas estratégias de desenvolvimento rural, por meio da concepção de políticas que permitam o fortalecimento da agricultura familiar, como meio de assegurar a permanência no campo das novas gerações e, por conseguinte, a seqüencialidade do processo via participação dos jovens nas atividades agropecuárias.

È evidente que o apoio à agricultura familiar tem sido cada vez mais difundido, pois têm sido reconhecida a sua grande importância na busca de uma nação mais sustentável e pluriativa. Portanto, ainda ocorre uma grande marginalização, que também existente no meio urbano, que faz com que os agricultores, principalmente os jovens, não acreditem em perspectivas de desenvolvimento neste meio, já que deparam-se com um grande litígio de empregos e de elementos que fascinam as pessoas mais jovens. Para muitos destes, o principal motivo que leva-os a abandonar o campo não é a vontade de viver na agitação das cidades, e sim pela impossibilidade destes alcançarem seu pleno desenvolvimento econômico através de atividades agrárias.

Dessa maneira, segundo Silvestro (1998) “é necessário uma inovação na política fundiária brasileira que abra caminho para que milhares de jovens agricultores possam realizar suas vocações e desejos profissionais”. Essa inovação pode vir da realização de uma verdadeira reforma na estrutura agrária que contemple para o morador rural: distribuição de terras; crédito agrícola; infraestrutura; educação; capacitação e assistência técnica; lazer; etc.

A herança profissional exerce papel fundamental na formação de jovens do campo, cuja identidade se constrói com base neste “saber profissional”, enraizado

na tradição familiar. Desta forma, a atividade agrícola permite que os jovens do campo construam um saber que, fundamentado na atividade prática produtiva da família, se transforma em saber científico à medida que, na agricultura familiar, faz-se necessário maximizar a utilização dos recursos disponíveis na propriedade de modo a garantir a reprodução da unidade camponesa. Isso ocorre através de estratégias variadas que incluem desde o aproveitamento dos excedentes até a busca de melhores índices de produtividade. Para tal, os jovens e as jovens rurais buscam também os meios intelectuais presentes tanto no conhecimento recebido dos pais, principalmente os relativos à natureza e sua interferência no trabalho da terra, quanto novos conhecimentos adquiridos em outros espaços educativos, formais ou informais.

De fato, disponibilizar aos jovens imersos no meio rural um ambiente favorável à constituição da cidadania e condições de vida hábeis de agenciar a integração econômica e a emancipação social é crucial para que se consiga a permanência dos jovens no campo.

O tema juventude rural é complexo, no entanto seu debate permite reconhecer seus traços e desejos a fim de diagnosticar suas especificidades e apropriações culturais. Diante disso, este trabalho comparou a percepção dos jovens rurais quanto a suas características e pretensões quanto à permanência ou não no meio rural.

Reafirma-se a evidente existência de grupos distintos de jovens. Um, em desvantagem, caracterizado pelos jovens que pretendem permanecer no meio rural, e dar continuidade nas atividades agropecuárias desenvolvidas pela família e um grupo, que é a maioria, de jovens que deseja sair do meio rural, com destino para os centros urbanos em busca de formas alternativas de vida. Neste âmbito, esclarece-se que a pretensão deste estudo não limita-se apenas a uma definição demográfica, mas a construção de um sujeito social que sai da invisibilidade e ocupa seu lugar de forma bastante diversificada, assim como é o espaço em que vive, através do seu reconhecimento.

Neste âmbito, esclarece-se que a pretensão deste estudo não limita-se apenas a uma definição demográfica, mas a construção de um sujeito social que sai da invisibilidade e ocupa seu lugar de forma bastante diversificada, assim como é o espaço em que vive, através do seu reconhecimento.

Investimentos em educação é a melhor ferramenta que o poder público pode utilizar para a manutenção dos jovens à frente da agricultura familiar, e o primeiro passo foi dado, á exemplo da escola itinerante, que reaproximou os estudantes á realidade do campo. Depois de concluído o ensino médio, não há continuidade neste importante processo, que seria os cursos técnicos e superiores, e mais uma vez a cidade torna-se o alvo de boa parte destes futuros homens e mulheres que buscam o conhecimento e não conseguem conciliá-los com o meio que vivem.

Educação, qualificação, planejamento e resultado, com essas ações conjuntas o jovem campestre terá dentro da sua realidade um futuro promissor, pois desde criança esse jovem ter apoio do poder público, dos movimentos sociais, da união da comunidade rural, a agricultura terá mais espaço no cenário nacional e internacional. Podemos elevar nosso país muito além de um grande celeiro de grãos, mas de uma nação que se preocupa com o futuro do mundo, pois investir no jovem para permanecer à frente da agricultura familiar é garantir a produção de alimentos, empregabilidade no campo e o fortalecimento do nosso Brasil que tanto amamos e acreditamos.

Referências

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M.; CORTINA, N.; BALDISSERA, I. T.; FERRARI, D. TESTA, V. M. **Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998. 104 p.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Os Impasses Sociais da Sucessão Hereditária na Agricultura Familiar** - Brasília EPAGRI/NEAD, 2001.

CAMPOLIN, Aldalgiza Inês. **A Educação e o desenvolvimento de valores éticos para a sociedade sustentável**. Corumbá, MS: Embrapa Pantanal, 2005. 2p. ADM – Artigo Disponível em: www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/ADM093>. Acesso em: 12 mar. 2011.

FAO. **Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável**. Brasília: Convênio FAO/Incra, 1995.

MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Agricultura Camponesa**, Artigo disponível em <http://www.mst.org.br/taxonomy/term/334>. Acesso em 25 mar. 2011.

PEJR – **Programa de Empreendedorismo do Jovem Rural** Artigo disponível em <http://juventude.moc.org.br/?p=67>. Acesso em 01 abr. 2011.

SACCO DOS ANJOS, F. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003.

SAKAMOTO, Leonardo. **Fazer a opção pelo pequeno é sonhar grande**. Artigo disponível em <http://blogdosakamoto.uol.com.br/2011/03/14/fome-fazer-a-opcao-pelo-pequeno-e-sonhar-grande/> Acesso em 20 abr. 2011.

VANTROBA, Erléia Aparecida. **Necessidades e perspectivas para a permanência do jovem do campo no seu ambiente**. Irati: SEED, Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, 2008.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral

